

Deus existe? Será que a ciência tem a resposta? Análise da matéria de Rodrigo Cavalcante publicada na *Super Interessante* Edição 220 - 7 Dez/2005

por Paulo Faitanin – UFF



Deus e a ciência

1. O Deus que buscam e não encontram: A figura ao lado mostra o Deus ideal para Ciência: *um Deus geômetra*, um *arquiteto* ou *engenheiro* do universo, ou mesmo, na atualidade, um *Design Inteligente*, como desejariam muitos cientistas, maçons ou membros de outras seitas ou religiões positivistas. O fato é que Deus 'se oculta' no óbvio que o cientista desconsidera. *Por isso, procuram Deus onde Ele não está e O acabam encontrando onde não O procuravam.*

2. Resumo da reportagem: Toda a reportagem que se desenvolve entre as pp. 56-65, pode ser resumida com esta questão: *...será que algum dia a ciência terá condições de provar que foi mesmo Deus...quem criou o Universo e determinou os rumos da evolução?* Ela recolhe diversas opiniões de distintos especialistas. Dois em especial: a do Zoólogo Richard Dawkins e a do Paleontólogo Simon Conway Morris.

3. O que dizem tais especialistas? Ambos compartilham a idéia de que a riqueza da biosfera da Terra é explicada pela *teoria da seleção natural* de Darwin. Contudo divergem no seguinte: Morris, que se diz cristão convicto, ao contrário de Dawkins, que se diz agnóstico, afirma que a 'misteriosa habilidade' da natureza para convergir em criaturas morais e adoráveis como os seres humanos é uma prova de que o processo evolutivo é obra de Deus. Sustenta Dawkins, "se Deus for só uma constante física, é óbvio que Ele não terá nada a dizer sobre o que é certo ou errado em questões morais".

4. Conseqüência moral da inexistência de Deus: Oswaldo Giacoia Júnior, filósofo da Unicamp, sustenta que 'não necessariamente' seria tudo permitido se Deus não existisse, pois, segundo ele, "a busca de um código de valores sempre foi uma preocupação central da filosofia, sem a necessidade de uma legitimação divina". Concordamos em parte com a opinião de Oswaldo Giacoia, mas algo soa no mínimo contraditório. Vejamos: ora, se não há Deus, modelo de conduta moral para o homem e se são as escolas filosóficas que estabelecerão o código de valores desta conduta, sem a necessidade de legitimação divina, se segue que sendo tudo relativo à normatização destas

escolas filosóficas, bastaria dizer que quantas forem as escolas, tantas serão as normatizações, logo tudo seria *necessariamente* permitido porque seria relativo à normatização de cada escola; e se seguiria disso que para alguns o aborto, por exemplo, seria válido, para outros não e, para outros, ainda, sim e não, dependendo da situação... em síntese tudo seria relativo: pergunto: isso não significa que tudo necessariamente seria permitido segundo a relatividade das diversas normatizações? Portanto, nos parece mais certa a frase de Fiodor Dostoievski que afirma em *Os irmãos Karamazov* que "Se Deus não existe, tudo é permitido", pois na ditadura do relativismo que imperaria [e que impera] tudo seria possível e necessariamente permitido, de acordo com as escolas. *Deus é inevitável* e embora se conjecture a inexistência de Deus, o fato é que as conseqüências seriam funestas... e nem é preciso conjecturar, pois muitos em nossos dias vivem como se Ele não existisse... e não basta sequer dobrar uma esquina para saber quão funesto é isso. E porque Deus existe, nem tudo é permitido!

5. A evolução genética predispôs o homem a ser religioso e moral?

Porque o homem é um ser *moral* [age livremente segundo a sua vontade e razão independentemente dos impulsos e instintos] e *religioso* [tem fé e crença no sobrenatural, ama e é amado] é no mínimo plausível questionar que sua moralidade e sua religiosidade não sejam heranças de uma teoria da seleção natural. Embora opinem contrariamente tanto a geneticista britânica Jane Goodall que sustenta [baseada na experiência que analisava o comportamento dos chimpanzés diante de uma cachoeira na Tanzânia], que algumas espécies podem ter a religiosidade gravada nos próprios genes, quanto o biólogo Edward O. Wilson, que também, na mesma linha, afirma que a predisposição para a religião é resultado da evolução genética do cérebro e que nossa inclinação para acreditar num ser superior pode ser resultado da submissão animal, vemos impossível reduzir à evolução genética o estado moral e religioso do homem: Por quê? Porque sem a afirmação da existência de Deus não é plausível falar de religião e moral, já que ambas são as provas cabais de sua existência. E o fato de a vida moral e a crença religiosa poderem ser mapeadas, registradas ou expressas mediante análise da atividade cerebral, como proporia o radiologista Andrew Newberg e o psiquiatra Eugene D'Aquili, moralidade e religiosidade não são o resultado de uma evolução do cérebro, porque elas transcendem completamente toda materialidade e herança genética: são atitudes que se manifestam em atividades cerebrais, mas não se originam delas e nem se restringem a elas.

6. Conclusão: São Tomás de Aquino em *Suma Teológica*, I, q. 2, a.3, propõe provas racionais da existência de Deus. As propõe partindo da experiência e da análise da razão. Se não são provas que exigem todo rigor científico da contemporaneidade, são efetivamente racionais, evidentes, coerentes, verdadeiras e suficientes para a razão metafísica. Embora não aceitemos a teoria que defende a idéia de um *arquiteto do universo*, própria do positivismo, a do *intelligent design* [muito defendida pelos cristãos protestantes norte-americanos] que se opõe à tese de Darwin, defendida especialmente pelo o bioquímico Michael J. Behe [*A Caixa Preta de Darwin*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997] e que tenta aproximar-se ao modelo do *criacionismo*, é interessante, mas é preciso ainda analisá-la com cuidado, pois parece haver elementos que implicam a necessidade de uma melhor consideração metafísica [em breve a analisaremos aqui]; contudo, Behe tem razão ao afirmar que "uma coisa é você tentar justificar uma fé usando argumentos científicos, outra é você descobrir uma teoria científica que pode ser compatível com a fé". E porque tem fundamento tal afirmação? Porque não é a fé [o sobrenatural] que tem que ser justificada, explicada ou dar conta do real por meio de argumentos científicos [naturais], senão as teorias científicas [naturais e racionais] que têm que, nos limites da própria razão e da experiência, buscar aproximar, explicar, expor, demonstrar e conciliar fé e razão e não agir como se a fé e a religião não existissem. Este concílio, como o fez em seu momento São Tomás de Aquino, promove tanto a ciência quanto a fé, respeitando mutuamente os seus limites, sem, no entanto, deixar de partir de teoria racional que se compatibilize com a fé.